

*** PROMETEUS FILOSOFIA ***
CÁTEDRA UNESCO ARCHAÏ
VIVA VOX
Julho- Dezembro de 2016 volume 9 ano 9 n. 20
ISBN: 2176-5960

[RESENHA]

CALABI, Francesca. *Filon de Alexandria (Filone di Alessandria)*. Tradução: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2014. 223 pp. ISBN: 978-85-349-3854-9. R\$ 38,00.

Rodrigo Pinto de Brito¹

Francesca Calabi é professora do Dipartimento di Studi Umanistici – Filosofia na Università degli Studi di Pavia, na Itália, onde leciona desde 2004 disciplinas de História da Filosofia Tardo-antiga. Seus cursos versam sobre temas como “O daimon de Sócrates” e “O asno de ouro” (ambas obras de Apuleio). Também lê, revisa e finaliza traduções suas em sala de aula, como a da “Carta de Aristeas a Filócrates”, um texto do séc. III a.C que descreve a tradução da Torá para o grego pelos 72 sábios e tradutores enviados a Alexandria a convite do então bibliotecário alexandrino, o peripatético Demétrio de Falero.

De modo geral, as pesquisas de Calabi giram ao redor do eixo temático do judaísmo helenístico e seus autores, principalmente Filon de Alexandria que, naturalmente, é tema de inúmeros cursos da professora na Università di Pavia. Com efeito, é diretora da coleção “Philo of Alexandria” da Editora Brill, Leiden.

Calabi já tem dois livros seus traduzidos para o português, o primeiro foi “*História do pensamento judaico-helenístico (Storia del pensiero giudaico ellenistico)*.”

¹ Com auxílio do CNPq: chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 22/2014 - ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. Agradeço à Alana Café pela atenta revisão, e aos estudantes de “Tópicos de Ética” (2016.1- UFS) que acompanharam minhas reflexões sobre Filon vinculadas ao tema maior das “utopias”.

Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013”. A partir daqui, nos ateremos ao seu outro livro traduzido para o português, acerca de Fílon de Alexandria. Começaremos por um breve apontamento biográfico sobre este autor, passaremos pelo estado atual de pesquisas sobre Fílon em língua portuguesa, comparado com outras línguas, e encerraremos com uma descrição por tópicos do livro de Calabi.

Fílon de Alexandria foi um judeu alexandrino e filósofo neoplatônico nascido por volta de 20 a.C. e morto após 40 d.C. Não obstante seja autor de uma vasta obra com mais de 40 escritos que até nós chegaram, detalhes biográficos sobre o alexandrino são escassos, excetuando-se os dados que ele próprio fornece em seus textos e outros oferecidos pelo general e historiador judeu, Flávio Josefo. De fato, o único elemento biográfico sobre o qual se tem certeza acerca de Fílon é o da sua ida a Roma, sob Calígula, como embaixador pelos judeus alexandrinos em 40 d.C.

Entre os judeus contemporâneos e conterrâneos seus, as obras de Fílon foram pouco impactantes, provavelmente por conta do amplo emprego do estilo alegórico ao comentar passagens da Torá, notadamente do Bereshit (ou Gênesis), face ao domínio das interpretações literais que então vigoravam. E é precisamente na finalidade das interpretações alegóricas lançadas mão por Fílon que podemos detectar outra explicação para esse pouco impacto, pois o judeu alexandrino buscava alinhar a religião judaica à sabedoria pagã, notadamente às filosofias neoplatônica e estoica.

Ironicamente, as supramencionadas razões para o “esquecimento” de Fílon entre seus contemporâneos e conterrâneos judeus justificam, por outro lado, a apreciação que os teólogos cristãos tiveram por seus escritos. Isso porque, em sua missão apologética, esses primeiros Padres da Igreja tanto usaram o método alegórico desenvolvido pelo alexandrino quanto submeteram esse método à mesma finalidade que a das obras de Fílon, isto é, uma aproximação com a sabedoria pagã (embora, no caso dos Padres, com vistas à polêmica e ao espalhamento da doutrina cristã, nascente). E assim, se a abordagem de Fílon já era por outros judeus evitada – seja por causa de seu método, seja por seu resultado – tornou-se ainda mais suspicaz após ter caído nas graças da Patrística.

Apesar da não tardiamente reconhecida importância de suas obras para compreensão e elaboração da assimilação e sobreposição da filosofia grega com relação

às mentalidades judaica e cristã, Fílon é um autor ainda pouco estudado na lusofonia², e em espanhol o quadro parece semelhante.

Contudo, especialmente em língua inglesa, mas também na francesa, as pesquisas estão bastante desenvolvidas, e Calabi oferece-nos uma bibliografia vasta e atualizada, dividida de acordo com os principais tópicos abrangidos por seu livro³, e ainda que a divisão da bibliografia não corresponda estritamente aos capítulos e subcapítulos do livro, o pesquisador pode lá encontrar facilmente as referências aos materiais que precisa para iniciar ou desenvolver uma investigação.

Agora, quanto aos capítulos e subcapítulos dos livros e os temas que versam, temos: “Apresentação da coleção”, redigida por Gabriele Cornelli (UnB), coordenador da Cátedra UNESCO Archai, sob auspícios da qual lançam-se os volumes que compõem a Coleção Cátedra, da Editora Paulus; “Abreviaturas” que oferece o catálogo das abreviaturas usuais das obras completas de Fílon, sem incluir as compilações de fragmentos.

No capítulo primeiro, “Atenas, Roma, Jerusalém”,⁴ dá-se uma apresentação geral de Fílon, enfatizando, por um lado, os fundamentos filosóficos de sua obra e, por outro lado, as motivações religiosas, ambos contextualizados na Alexandria dos séculos I a.C. e I d.C. Quanto a isso surgem os primeiros problemas, que de certo modo norteiam boa parte do restante do livro: se Fílon possuía uma abordagem metodologicamente estruturada, ou não, e se, quanto ao seu contexto de produção e vida, ele deve ser tratado como *Philo iudaeus* ou *Philo graecus*. A partir desses problemas iniciais, Calabi faz um histórico das pesquisas sobre o alexandrino, remetendo o leitor às obras chave para uma leitura mais aprofundada, bem como não hesita ao apresentar como ela própria interpreta esses problemas. A partir parte da narrativa da vida de Fílon, a autora o situa como um *Philo iudaeus et graecus*, com tanta unidade sistemática quanto se poderia esperar de qualquer pensador de sua época,

²Efetivamente, em uma busca rápida pelo sítio virtual acadêmico academia.edu, encontrei não mais que cinco pesquisadores com escritos sobre Fílon em língua portuguesa, mas reconheço que um levantamento mais preciso resta ainda por ser empreendido.

³ A saber: *Repertórios bibliográficos; Edições críticas; Traduções e comentários de cada obra; Léxicos; Coletâneas e estudos; Perfis gerais; Atenas, Roma, Jerusalém; Leituras da Bíblia; Lei e ordem do cosmo; Viae ao divino e tipos de vida; Realeza e lei animada; Os patriarcas e as virtudes; Releituras de Fílon na antiguidade.*

⁴ Subdividido em: *Bíblia e filosofia; Tradução em grego da Bíblia; Tradução e interpretação; Exegese e filosofia.*

algo que se tornaria evidente através do projeto do alexandrino de abordar a Torá utilizando como ferramenta exegetica a filosofia pagã.

Em “Leituras da Bíblia”,⁵ partindo do pressuposto de que há, sim, uma abordagem metodologicamente sistemática por parte de Fílon, de acordo com aquilo que já argumentara, Calabi tenta demonstrar como esse aporte se dá em algumas narrativas paradigmáticas: a da criação da humanidade e sua queda, a de Caim e Abel e a dos gigantes que resultam da união dos anjos de Deus com as filhas dos homens, por exemplo. A copresença de mais significados se dá porque essas narrativas acima podem ser interpretadas tanto alegoricamente, utilizando-se acima de tudo uma chave platônica, como também – e simultaneamente – literalmente.

“Lei e ordem do cosmo”,⁶ terceiro capítulo, versa sobre a realidade noética, que está para além dos sentidos. Aqui os temas centrais são: a tese de Fílon de que a lei mosaica conforma-se perfeitamente à lei da natureza, tentativa de superar o velho problema da oposição entre *nomos* e *physis*; Deus enquanto artífice do universo; o problema da criação *ex nihilo*; o caráter intramental das ideias platônicas, existentes na mente de Deus. A interpretação e requalificação desses problemas por Fílon se dá principalmente por meio de uma leitura, não necessariamente concordante, do *Timeu*, de Platão.

Ora, se essa é uma realidade noética, não está franqueada ao entendimento sensorio, mas isso não significa que Deus possa ser conhecido pelo *nous*. Podem ser conhecidas as ideias que estão presentes como essências na mente de Deus, embora a própria essência de Deus, seu *logos* e os anjos sejam incognoscíveis. Não obstante, ainda que não possa ser conhecido, Deus pode e deve ser reconhecido em sua obra, sobre a qual exerce comando como um rei que é único. Estes temas são abordados em “Soberania e incognoscibilidade de Deus”.⁷ E

A incognoscibilidade, inatingibilidade, falta de determinações e de forma se conjugam com os aspectos demiúrgicos e providenciais de Deus redutíveis ao agir das potências. A imutabilidade de Deus, sua ausência de necessidades, sua ulteriores não são postas em discussão, apesar das passagens do *Gênesis* que falam da formação do mundo, do operar de Deus, da interrupção do seu agir. As

⁵ Subdividido em: *Literalidade e alegoria*; *Histórias das origens*; *Os gigantes*; *O dilúvio*; *Copresença de mais significados*.

⁶ Subdividido em: *A formação do cosmo*; *A unicidade de Deus*; *A simultaneidade da criação*; *A conservação e a dissolução do universo*; *As potências e o logos*; *Potências, ajudantes, anjos*; *Os ministros do soberano do universo*.

⁷ Subdividido em: *O rei divino*; *Incognoscibilidade de Deus*; *A visão indireta*; *A imutabilidade divina*.

potências constituem o eixo pelo qual um Deus totalmente transcendente é também o soberano do universo, é pensamento de pensamento e, contemporaneamente, age no mundo. (CALABI, 2014, p. 95).

Essa arrojada interpretação por Fílon de Deus enquanto imutável choca-se com a narrativa bíblica em que Deus cria em seis dias e descansa no sétimo, pois se é imutável, não pode cansar-se. É preciso então ressignificar o descanso, transformado em cessação de atividade criativa que propicia a manutenção da ordem cósmica, imutável. É no sábado que Deus contempla a criação, e os humanos devem assim guardar os sábados como dias dedicados à contemplação, simulando o ato inativo Divino. Eis a razão de ser da mística, a contemplação, praticada pelas seitas dos Essênios e dos Terapeutas e também na meditação no deserto. Mas a vida na cidade pode ser um empecilho às práticas ascéticas, especialmente em uma como Alexandria. Diante disso, enquanto o desejo de Fílon por uma cidade governada por um rei filósofo, como foi Moisés, não se concretiza, resta a quem vive em cidades mal governadas, o equilíbrio para evitar atividades que podem incitar o egocentrismo ou a ambição, por exemplo. É disso que trata o quinto capítulo, “Governo do mundo e contemplação”.⁸

Dando seguimento aos temas éticos e políticos, “Realeza e leis animadas”⁹ sublinha o caráter platônico da versão de Fílon do rei, que deve ser único, assim como o cosmos possui somente um rei. Uma cidade comandada por muitos mergulha no caos e na desordem, assim como o cosmos não poderia ser ordenado se fosse regido por deuses. A imutabilidade da ordem cósmica é o próprio reconhecimento da soberania e unicidade do Criador, e simultaneamente o reconhecimento de que a monarquia é o melhor governo, desde que o rei seja também filósofo.

Através dos exemplos de dois patriarcas, Abraão e Jacó, Calabi faz uma digressão sobre a abordagem de Fílon acerca de duas virtudes que seriam a eles correlatas, respectivamente: a sabedoria e a ascese. Neste capítulo, o sétimo, “Os patriarcas e as virtudes”,¹⁰ evidenciam-se as influências que o estoicismo teria tido sobre a concepção do filósofo alexandrino quanto a moral.

⁸ Subdividido em: *O sétimo dia; Os terapeutas e os essênios; A contemplação e o deserto; Sodoma; A função formativa do deserto; Vida prática; Equilíbrio entre atividades.*

⁹ Subdividido em: *Realeza e virtude; Leis animadas; Monarquia e monoteísmo; Somente o sábio é rei; Modelos de realeza; Rebeliões e conflitos.*

¹⁰ Subdividido em: *Os patriarcas como modelo; Abraão: a sabedoria; Os estudos encíclicos; O sóphos; Jacó: a ascese; A escada de Jacó; Os progredientes; Virtudes e paixões.*

Finalmente, com erudição e sem presunção, o oitavo capítulo, “Fílon na tradição posterior”¹¹ rastreia como as obras de Fílon impactaram sobre três diferentes âmbitos. Após há um catálogo com um sumário de temas para cada obra de Fílon, uma bibliografia que já foi comentada mais acima e um índice onomástico.

Fílon de Alexandria, de Francesca Calabi é uma obra completa, embora introdutória. Útil tanto para pesquisadores avançados em Fílon, mas que buscam atualizar a bibliografia ou apaziguar suas inquietações, quanto para neófitos que pretendem adentrar a obra deste delicioso autor, bem como para interessados em uma boa leitura, agradavelmente escrita, excelentemente traduzida por José Bortolini e com ótimos copidesque e revisão pela Editora Paulus.

¹¹ Subdividido em: *Fílon e a tradição platônica pagã*; *Fílon e a patrística*; *Fílon na tradição judaica posterior*.